1,65

28/08/1986 – 3ª CONFERÊNCIA: "O TRABALHO DO NEGATIVO"

Soube, com certa surpresa, que minha última conferência deu lugar a alguns problemas de compreensão; talvez por não ter sido suficientemente claro. Esta noite vou tentar transmitir com maior precisão.

Quando comecei esta série de três conferências, disse-lhes que provavelmente não trataria, na ordem em que os havia enunciado, os três temas que me dispunha a abordar, mas esperava que no final da terceira conferência tivesse praticamente terminado o programa previsto.

Vou então retomar, muito rapidamente, o essencial do que lhes disse da última vez, para que fique mais claro e possamos continuar, no sentido que lhes havia proposto. Assim, esta noite falarei de três temas: o conflito pulsional, o trabalho do "negativo" e o papel do objeto.

Não pensem que quando me chamam de teórico isso me causa unicamente prazer. . . Tudo que exponho a vocês não tem para mim nenhum outro interesse senão o de tornar a clínica mais inteligível em nosso funcionamento como psicanalistas. No entanto é sempre extremamente difícil estabelecer a distância ótima entre teoria e clínica. O perigo da teorização existe, e temos pensadores psicanalistas que se lançaram em desenfreadas especulações de modo que fica di-

fícil ver como articulam suas idéias com a experiência clínica. Por outro lado, o que se lê, na maioria das vezes na literatura psicanalítica, é algo que se assemelha a uma paráfrase da clínica.

Que diriam vocês, por exemplo, de uma física teórica que se limitasse a descrever o real apenas utilizando outra forma? Estaríamos em nível teórico que seria, talvez, do século XVI ou XVII. Pois bem, quando lemos obras teóricas de psicanálise, muitas vezes temos a impressão de que se trata de paráfrase, e não de uma compreensão dos mecanismos profundos, sempre distantes do observável. É o que costuma acontecer, necessariamente, quando se tenta abranger mecanismos gerais.

O objetivo do modelo que lhes propus tem a ambição, talvez desmesurada, de chegar a definir a natureza do psíquico, e isso, dentro do trabalho analítico. Após ter refletido muito sobre o que poderia ser a natureza do psíquico, e considerando que todos os psicanalistas, de todas as escolas, têm implicitamente essa referência em seu trabalho, constatei que as referências variavam muito em função de diretrizes do pensamento. Por exemplo, a referência nos Estados Unidos é, muitas vezes, a adaptação; a referência inglesa é a maturação e o crescimento; a referência francesa é mais difícil de precisar, mas se olharmos pelo lado de Lacan seria a relação do sujeito com o significante. É extremamente importante saber identificar, no trabalho pessoal, qual o referente que o anima, mesmo que este não seja formulado claramente.

No que me diz respeito, cheguei à conclusão de que a referência de meu trabalho analítico, e do de muitos analistas, implicitamente, é a *representação*. O que significa que tudo o que o analista faz é, de um lado, tentar representar para si mesmo qual o funcionamento psíquico de seu paciente e, de outro, comunicar a seu paciente o resultado de sua representação, de modo que o paciente possa ter sua própria representação de seu funcionamento psíquico. É tudo a que o analista pode aspirar, se não quiser se lançar em uma ação normativa, ou reparadora, ou de adaptação, ou em qualquer tipo de ação psíquica que não respeite o princípio da neutralidade analítica e recuse utilizar a situação analítica como situação de hipnose ou de sugestão.

A partir do momento em que se compreendeu isso, tornou-se indispensável elaborar uma teoria da representação, a um ponto tal que, no que me diz respeito, chego à conclusão, e aliás não estou sozinho, de que há quase uma sinonímia entre psique e representação. Quero lembrar-lhes, aliás, que na linguagem "psique" significa "espelho". É por isso que me dei ao trabalho de construir esse modelo, que é uma forma de ordenar dados já presentes em Freud, que são perfeitamente aplicáveis a todos os outros autores, mesmo se eles não se referem diretamente à representação.

O que lhes direi em seguida é que toda a psicanálise contemporânea, ao contrário de Freud, – eu disse isso na conferência passada, mas repito mais uma vez –, não considera a representação como algo evidente. Para Freud, a representação é um dado imediato, uma propriedade do espírito, capaz de trazer diante dele o objeto da percepção, que não está presente para os psicanalistas contemporâneos, que têm de lidar com casos difíceis, com a pobreza da representação, em muitos casos, com bloqueio das associações, com inibição fantasmática, onde a representação é entendida como resultado do trabalho psíquico. Todo o trabalho analítico está aí. . . O que distingue os casos chamados de "neuróticos" dos casos denominados de "difíceis" é, precisamente, que nos casos chamados "difíceis" o analista deve, ele mesmo, fazer um esforço considerável de representação daquilo que o paciente não pode representar, isto é, o analista deve fazer como se colocasse seu próprio aparelho mental em ação, como auxiliar do aparelho mental do paciente.

É por isso que, propondo os quatro territórios que lhes mostrei, tendo o somático de um lado e o real do outro, a psique define-se como a formação central intermediária entre essas duas grandes entidades. Sabem, não costumamos prestar muita atenção a coisas muito banais. Por exemplo, quando vocês não vêem alguém há muito tempo, ou quando recebem notícias de pessoas que não vêem

há muito tempo, é habitual se perguntar: "Como vai ele?" Em primeiro lugar, o que isso quer dizer? Quer dizer: "Ele goza de boa saúde?" "Seu estado somático é bom?" Depois disso é que temos notícias do tipo: "Ele se casou, divorciou-se, não tem filhos, foi nomeado para. . . ou então perdeu o emprego. . ." Mas inicialmente é: "Como vai ele?", o que evidencia a importância extraordinária que atribuímos ao nosso corpo, como posição de referência. No entanto, quando pedimos notícias dessa pessoa, isso não é mais do que uma introdução, o que significa que, em primeiro lugar, é preciso que o corpo funcione bem, e somente depois perguntamos o que ele faz. . . em que trabalha. . . o que lhe aconteceu. . . Estamos, aí, do lado social, do real. É, portanto, nessas duas extremidades que se desenrola a avaliação fundamental que fazemos dos outros. . . Mas para o psicanalista, evidentemente, o que interessa é a formação intermediária. É por isso que há esses quatro territórios, e é por isso que os dois territórios medianos são os da representação (Figura 4).

O que tentei fazer entender é que é isso que se passa na análise, e é isso que acontece a cada sessão. Hoje, para complicar um pouco mais as coisas, como vocês podem observar, fiz um gráfico com dois setores, dois aparelhos psíquicos: um, que é o do analisando, outro, que é o do analista, e que é exatamente o mesmo (Figura 9). A comunicação analítica começa no real, na realidade pelo encontro do analista e do analisando. Depois, o analisando começa a falar. . . E enquanto o analisando fala, ocorrem efeitos no inconsciente do analisando, ao mesmo tempo em que ocorrem efeitos no consciente e no inconsciente do analista. Tudo vai, pois, acontecer na comunicação entre esses quatro territórios, onde, às vezes, diante de certas situações irrepresentáveis a excitação vai encaminhar-se ao somático e exprimir-se, mesmo durante a sessão, através do somático. Por exemplo, um paciente lhes diz, depois de uma interpretação, que está com violenta dor de cabeça; outro paciente diz que está com vontade de vomitar; outro, que tem contrações na barriga; outro ainda, que sua respiração está acelerada; ou também o caso do paciente

que enrubesce. Essas manifestações do corpo, em análise, são muito mais importantes do que se imagina. Essas manifestações estão ligadas ao afeto e à reconversão somática do afeto. Mas o corpo está ausente da análise. . . Ele trabalha, e pode-se dizer até mesmo que ele se esforça para trabalhar e se comunicar, na ordem do psiquismo inconsciente e da fala. O mesmo ocorre no que se refere ao analista – há pacientes que nos dão dor de cabeça, que provocam no analista estranhas sensações, às vezes até momentos de confusão, outras de irritação, angústia e até mesmo reações somáticas. Há, portanto, dois aparelhos psíquicos que se comunicam igualmente, do soma para o real, pois o *acting* pode ser também experimentado pelo analista, como o desejo de mexer-se ou de sair da sala, o mesmo que faz com que um analisando lhe diga: "Chega! Vou-me embora. Para mim, a sessão terminou."

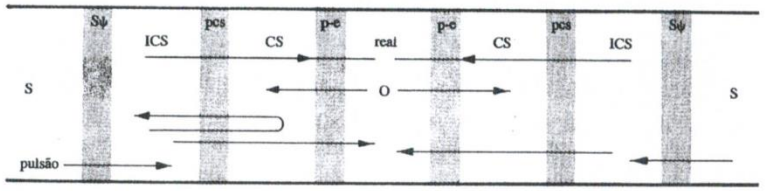

Figura 9

É, pois, na circulação e no vaivém não apenas no interior do paciente, mas entre o paciente e seu analista, que se produzem as trocas. É por isso que receio ter sido mal compreendido quando falei da relação de objeto. Receio que tenham entendido que eu não me interessava pela relação de objeto. Só que o que apresentei no gráfico da última vez, colocando no território do real o "O" (objeto) (Figura 4), hoje vou mostrá-lo detalhadamente, dando exatamente a

mesma estrutura simétrica que é a do analisando. O que significa que, para mim, o funcionamento do objeto e a existência do objeto é tudo isso, do mesmo modo que a existência do sujeito é tudo isso também (Figura 9). Isto é verdadeiro para a dupla analista/analisando e também é verdadeiro para todas as relações com o "Outro". É aí que as coisas se complicam ainda mais – e vocês poderiam dizer que seria melhor deixar isso para outra série de conferências, já que em três conferências é impossível absorver tudo. . . Mas vou dizê-lo assim mesmo, porque é preciso dizê-lo: as coisas se complicam ainda mais, porque toda relação a dois implica um terceiro ausente. Isso significa que há, na situação analítica, além dos dois parceiros presentes, um terceiro, ausente. E isso por motivo muito simples: se na relação analítica tudo se passa na comunicação entre duas pessoas, o que está em questão nessa comunicação diz respeito sempre ao que chamo de um "outrora" e um "alhures", o que quer dizer "o passado" e "o que se passa fora do consultório do analista". Há, portanto, dois aparelhos psíquicos presentes e a referência a um terceiro, ausente, isto porque, a meu ver, não há situação que não seja triangular.

Já que pareceu estranho que eu faça não uma crítica, mas reservas à teoria da relação de objeto, tal como é defendida, vou agora tentar articular o ponto de vista da teoria clássica com o ponto de vista da teoria de relação de objeto. O ponto de vista da teoria clássica parte, como vocês sabem, da posição freudiana, que coloca em primeiro plano, na origem, na situação mais fundamental, no elemento primeiro, a pulsão. Olhando hoje a teoria de Freud, embora admirando sua bela construção, somos levados a pensar que a concepção de Freud pode incidir na crítica de ser uma concepção um tanto solipsista. Isto quer dizer que Freud parece considerar a existência de um organismo em si – o bebê, se vocês quiserem –, no qual ele desmonta admiravelmente as estruturas que o constituem, mas no qual, sem dúvida, o papel do objeto é relativamente contingente.

Creio que apesar de tudo, há consenso entre as diferentes facções da psicanálise contemporânea, qualquer que seja a maneira pela qual se interprete a relação do objeto: seja a maneira kleiniana, a winnicottiana, a bioniana ou, ainda, como o fez Bouvet, na França – é evidente que é necessário incluir o objeto no funcionamento psíquico.

Por que, então, Freud não incluiu o objeto? Muitas vezes me coloquei esta questão. . . Penso que Freud estava obcecado pela fantasia de pureza da análise, que estava muito marcado por sua formação científica, embora tivesse tomado distância com relação aos seus anos de laboratório. Penso que Freud queria que o papel do objeto, isto é, o papel do analista fosse considerado negligenciável, da mesma maneira que ele começou negligenciando a transferência, chegando inclusive a lamentar sua existência, até descobrir que era obrigado a trabalhar com ela, para finalmente chegar à conclusão de que não somente era obrigado a trabalhar com ela mas que só podia trabalhar com ela. . . Da mesma maneira, Freud quis minimizar o papel do objeto. Por quê? Porque durante toda sua vida Freud foi atormentado pelo fantasma da hipnose e da sugestão e durante toda a vida pretendeu criar uma nítida linha de demarcação entre a hipnose e a sugestão, de um lado, e a psicanálise, de outro, para que esta não fosse acusada de ser uma nova forma de sugestão. Foi por isso, a meu ver, que Freud minimizou o papel do objeto, isto é, na prática analítica, o papel do próprio analista. Minimizou, também, na vida em geral, porque tinha o sentimento, como ele mesmo disse a respeito da civilização grega, de que a pulsão vinha antes do objeto e que, de modo geral, ele considerava que uma das manifestações das ilusões do aparelho psíquico não era senão a de proceder a uma superestimação do objeto – era assim que ele chamava o amor: uma superestimação do objeto. Foi então, creio eu, que por motivos teóricos, ideológicos e deliberados, Freud minimizou o papel do objeto, e que, por outro lado, como sabemos, quanto mais os anos se passavam, menos a prática analítica lhe falava ao coração e mais ele se interessava, ao contrário, pela reflexão teórica.

Penso que a partir do momento em que, na clínica contemporânea – e penso que isso começou com Ferenczi, que como se sabe tinha paixão pela prática analítica e procurava desesperadamente soluções para os fracassos terapêuticos da análise –, creio que foi a partir desse momento que o papel do objeto adquiriu importância evidente – com Ferenczi e Abraham. Na geração seguinte, o interesse orientou-se mais para construções teóricas menos gerais do que a de Freud e que partissem mais da experiência clínica.

Mas dizendo isso não dissemos nada, pois o que significa o papel do objeto? Estou inteiramente de acordo sobre a importância de se assinalar o papel do objeto. Mas será que se pode apenas dizer: "É a relação de objeto – é o que se passa entre mim e o analisando"? Ou então imaginar uma construção teórica do bebê na qual se imagina a mãe como objeto, e então se diz que acontecem coisas desta ou daquela forma, e. . . se vai observar o bebê, para ver se corresponde? Não, não é nada disso. Penso que se deve ser mais rigoroso e enfrentar a dificuldade.

A pulsão em Freud aparece, no pano de fundo ideológico de sua teoria, como equivalente do instinto. Não é o instinto, é o que o instinto se torna, isto é, numa organização humana, completamente isenta do caráter de automaticidade do instinto, mas conservando dele quatro componentes, que são: a fonte, a pressão, a finalidade e o objeto, dos quais dois componentes, a fonte e a pressão, são insubstituíveis, e dois componentes, o objeto e a finalidade, são de ordem psíquica, e substituíveis. Não se muda a fonte da pulsão, não se muda a pressão da pulsão, mas pode-se mudar o objeto e a finalidade. . . Portanto, há um vago parentesco com o instinto animal, mas há uma grande diferença pelo fato de que a finalidade e o objeto podem ser mudados: isso abre as portas ao deslocamento, à simbolização, o que faz com que nesse momento a pulsão nada mais tenha a ver com o instinto.

Hoje, como já lhes disse, a pulsão não tem mais grande prestígio. Em particular nos Estados Unidos, e mais precisamente em favor da teoria da relação de objeto, diz-se que a pulsão é um conceito do século XIX, que não é útil. . . que seria melhor livrar-se dela. . . que tem cheiro de biologismo. . . que não estamos de modo algum nessa dimensão biológica, estamos na significação – significação que estaria flutuando nos ares: não é um corpo que significa, é um puro espírito que significaria. . . Pois bem, como lhes disse, não acredito nisso. Não creio que essa seja a solução do problema.

Parece, então, que estamos diante de uma espécie de falso problema, que consistiria em dizer: ou é a pulsão, ou é o objeto. Ou vocês admitem que é uma espécie de força mais ou menos inata, enraizada no somático, de funcionamento quase automático, que certamente pode mudar seus objetivos, seus objetos. . . ou então é o objeto, e o objeto é a relação inter-humana. Pois bem, creio que este é um falso dilema. Meu ponto de vista é de que o objeto é o revelador da pulsão. Consideremos um organismo que tem pulsões que se exprimem no somático: suas pulsões só chegarão a existir e só serão para ele objeto de conhecimento, ou só mobilizarão nele mecanismos de significação, na medida em que o objeto as revelar. O que quer dizer, de modo mais claro, que é através da existência do objeto e, em particular, da falta do objeto, que a pulsão se faz sentir, pois a pulsão satisfeita quase não faz sentir seus efeitos.

Considerem o caso do organismo vivo, por exemplo o bebê que acaba de nascer. Esse bebê, e esta é a surpresa de todo nascimento, está perfeitamente terminado, completo, não lhe falta nada. Cada vez que vocês vêem um bebê, pensam em como é extraordinário um ser tão pequeno e tão completo, tão bem-acabado. Vocês dirão: perdão, falta-lhe o alimento: o leite. . . o ar. . . Então, será isso o psiquismo? Não. Falta-lhe o objeto que lhe dê o leite e o objeto para o qual sua respiração signifique alguma coisa. Isso quer dizer que lhe falta uma dimensão da qual – a menos que nos entreguemos a uma ficção biológica, e isso não é meu estilo – ele não tinha absolutamente nenhuma espécie nem de experiência nem de necessidade: o amor. . . o amor da mãe.

Eu não sou dessas pessoas que especulam sobre a vida psíquica do bebê no interior do ventre da mãe. Isso está ficando muito em moda, e logo vamos até ouvir falar do psiquismo no encontro do espermatozóide com o óvulo. . . (Risos.) Tenho resistências a esse respeito. . . Por outro lado, o que me impressiona é que o bebê que está dentro do ventre da mãe não tem necessidade de amor; em contrapartida, assim que ele sai do ventre de sua mãe tem necessidade de amor e não apenas de leite. Talvez o psiquismo seja isso. O que quer dizer que há um pouco de verdade na velha idéia de que o psiquismo é alguma coisa não inteiramente material. Esse amor passa pelo corpo da mãe, mas não é somente o corpo da mãe. De qualquer maneira, ele não está naquilo que, caricaturalmente, chamarei de "seio bom". O "seio bom", como sabemos, não é o leite da mãe, o "seio bom" é o sorriso da mãe. Então, será que o sorriso da mãe é corpo? Eu não sei. . . Mas o sorriso da mãe não é a mesma coisa que o calor da pele da mãe. Isso significa que há o amor do corpo e há também o amor que se manifesta, eu diria, de forma "descorporalizada". É isso o início do psiquismo: o sorriso. . . É certo que ao sorriso que não é acompanhado de contato, de corpo a corpo, fica faltando alguma coisa. . . Fico impressionado com os autores que escrevem sobre crianças e que não vêem que toda a evolução da criança e todo o trabalho da mãe é um trabalho de descorporalização. É um trabalho que faz com que o corpo vá tomar cada vez menos lugar nas trocas, para deixar a essas trocas um caráter mais psíquico, isto é, de comunicação à distância.

Isso me permite então dizer que, na verdade, não se tem de escolher entre a teoria da pulsão e a teoria do objeto, mas sim de compreender que o objeto é o revelador da pulsão. O que nos permite não ter de fazer uma escolha estúpida entre uma espécie de teoria biologizante, pelo inatismo, e uma teoria dita do meio, que levasse em conta o objeto, mas compreender, ao contrário, que uma revela a outra.

Mas. . . o que é o objeto? Repito: se admitimos, com a teoria

freudiana, que o objeto da psicanálise é um objeto eminentemente substituível, ou seja, um objeto que pode ser substituído por outro, por deslocamento, vemos, com uma leitura mais atenta, que na obra de Freud, por exemplo, o ego pode tornar-se o objeto. Freud fala do ego como objeto do id, por exemplo, no narcisismo, quando Freud diz que as coisas se passam como se o ego se oferecesse como objeto de amor ao id, precisamente como substituto do objeto: "Você não precisa amar o objeto, pode amar a mim mesmo!" É o narcisismo.

Sendo assim, se o ego pode tornar-se o objeto, temos o direito de perguntar-nos se qualquer coisa não poderia tornar-se o objeto, qualquer coisa. . . a tal ponto que o objeto substituto não tenha mais nenhuma das características e das qualidades primitivas do Objeto, isto é, do primeiro objeto, do seio, se vocês quiserem, de forma que possa ser enriquecido, havendo portanto não somente extensão e acréscimo, mas afastamento cada vez maior das características primitivas do Objeto. No limite extremo, basta que uma só das características do objeto seja salva, para que haja investimento significativo. Se o investimento significativo for mantido, isto é, se eu elejo um objeto, não importa qual seja, um pedaço de barbante, por exemplo, mas se eu o elejo, dando-lhe sentido, dizendo que esse pedaço de barbante tem sentido para mim, porque me lembra o dia em que encontrei meu primeiro amor – e havia um pedaço de barbante em sua roupa. . . e eu o guardei –, basta então que o investimento significativo seja conservado, para que seja mantida a condição de deslocamento do objeto.

Mas no limite, e é isso que é importante, o próprio investimento pode tornar-se objeto. Isso não é fácil de entender. Vou tomar um exemplo, o da sublimação. Fica entendido, na teoria psicanalítica, que um dos destinos mais importantes da pulsão é a sublimação, e que a sublimação comporta deslocamento, comporta inibição de objetivo, que é de ordem sexual. Exemplo: se na infância você era *voyeur*, você se torna um fotógrafo. . . Isso é uma caricatura, bem entendido. Seria, entretanto, um erro acreditar que a fotografia, para o

fotógrafo, é uma coleção infinita de fotografias. A fotografia é um investimento, e um investimento que não corresponde à seqüência de fotos tiradas, mas à atividade da fotografia, mesmo quando não se tira fotos. Assim sendo, é o interesse pela fotografia que se torna o objeto, e não somente as fotos tiradas, o que me permite então falar do que denominei de "função objetalizante".

O que é a "função objetalizante"? Se tomarmos o conflito pulsional de base, tal como Freud o descreve na última teoria das pulsões, isto é, pulsão de vida/pulsão de morte. . . vocês sabem até que ponto essa concepção foi criticada. Não tenho tempo hoje de reexaminar a crítica dessa concepção da pulsão de morte, mas vocês verão em que sentido a utilizo. Pois bem, depois de ter-se deleitado um pouco com as entidades mitológicas, já que chama a pulsão de vida de "Eros", como os gregos, mas a pulsão de morte, não a chama de "Tânatos" e sim de pulsão de destruição, Freud diz que existem grandes mecanismos, que são conceitualmente compreensíveis e não são entidades mitológicas, que dão conta da atividade dessas pulsões. Freud diz que para a pulsão de vida, é a *ligação*, e para a pulsão de morte, é o *desligamento*.

Gostaria, inicialmente, de fazer alguns comentários sobre a pulsão de vida. Os debates apaixonados que ocorreram sobre a pulsão de morte quanto à sua existência e sua inexistência, nos desviaram do interesse da última concepção das pulsões de Freud, relativa às pulsões de vida. Não nos demos conta de que se tratava de revolução de alcance muito grande – o fato de substituir as pulsões sexuais pela pulsão de vida. Pois Freud, no *Esboço de psicanálise*, não falará mais de pulsão sexual, mas de *função* sexual – o capítulo chama-se "A função sexual", e ele dirá da função sexual e de seu indício, a libido, que é este, ainda, o melhor meio de conhecer "Eros". O que significa que as pulsões de vida, que Freud denomina também de "pulsões de vida ou de amor", são um conjunto mais amplo do que o da sexualidade, mas é pela sexualidade que podemos ter idéia do que seja a pulsão de amor ou de vida. É por essa razão que, passando através da sexualidade, o grande mecanismo que serve para definir a ação dessa pulsão é a *ligação*, porque sexualidade é ligação. . . Além do mais, vocês não podem pensar a sexualidade sem o objeto. Mesmo que estivessem no auto-erotismo ou no narcisismo, ainda seriam obrigados a se servirem do objeto.

Chego então à conclusão de que o papel da pulsão de vida é assegurar uma função objetalizante, isto é, ligar a pulsão de amor ao objeto. É assim que o objeto se justifica, e é também assim que a ligação entre a pulsão e o objeto nos faz sair do dilema entre uma teoria fora de moda, freudiana – a da pulsão –, e uma teoria moderna – a da relação de objeto. Porque há, efetivamente, necessária complementaridade entre ambas, já que a pulsão não é admissível sem o objeto, que supostamente deve satisfazê-la, e o objeto de satisfação remete à pulsão, que exige satisfação. Não há, portanto, incompatibilidade entre a tradição e o modernismo, entre o antigo e o novo, havendo, ao contrário, rigorosa conferência. Pois, e reflitam bem nisso, foi no momento em que se quis abandonar a pulsão para promover a relação de objeto que se chegou a descrever essencialmente relações de dependência para com o objeto, nas quais o sujeito está tão preso ao objeto que não pode mais separar-se dele. Eu lhes pergunto: o que o mantém preso? Deve ser alguma coisa. . . E sem a pulsão não se pode conceber o que mantém o sujeito tão preso. . .

Inversamente, do lado da pulsão de morte, o grande mecanismo descrito por Freud é o desligamento, ou seja, o que sempre tende a dividir. Notem que isso é interessante, porque põe a análise não do lado da pulsão de vida, mas do lado do desligamento, do lado da pulsão de morte. De fato, como sabemos, há uma fusão intrincada dessas duas pulsões, mas a meu ver há, também, funcionamentos puros da pulsão de morte, de que não falarei esta noite. . . Falarei disso talvez durante os próximos debates. O que quero dizer, e isso concerne tanto à clínica quanto à técnica psicanalítica, é que da mesma maneira que postulo a existência de uma função objetalizante, que liga o objeto à pulsão de vida ou de amor, postulo também a exis-

tência de uma função desobjetalizante para a pulsão de morte. O que significa a pulsão desobjetalizante? Significa que a pulsão de morte entra em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade e de seus próprios atributos: seja quando o objeto se torna anônimo, como o objeto da perversão, por exemplo; ou quando o objeto é despojado de suas características de ser que sente e pensa, como no caso da tortura; ou então o objeto é desprovido de sua identidade humana, e são as mil maneiras pelas quais se exercem as formas de segregação social e até mesmo psiquiátrica, como vocês sabem. . .

Este aspecto da questão diz respeito também ao nosso comportamento de cada dia, sob formas mais atenuadas, no caso, por exemplo, de objetos que nos são caros, mas que um belo dia deixamos de enxergar. Eles estão presentes. . . mas não olhamos mais para eles. . . esquecemos sua especificidade, sua singularidade, suas características que, precisamente, ligam nosso amor à sua pessoa. Isso, para mim, faz parte do que chamo de função desobjetalizante, e vejo aí a manifestação da pulsão de morte, até formas extremas que chamo de narcisismo negativo, e onde se manifesta não a aspiração à unidade do narcisismo positivo, mas a aspiração ao nada, ao nível zero, à diminuição das tensões, à inércia, à não-vida. Nesse caso, fica difícil muitas vezes delimitar o que é pulsão de vida e o que é pulsão de morte. Quando depararmos com o funcionamento pulsional bruto, com o conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte de um lado e, do outro lado, com o objeto, evidentemente estaremos lidando com funcionamento que pode ser extremamente difícil, que eu diria não-civilizado, no limite do humano. . . Isso se vê todos os dias, mas com a condição de reduzir tudo o que pertence à ordem do psiquismo à sua expressão mais simples. Donde a necessidade dessas formações intermediárias, para evitar que o contato com os objetos sofra o efeito das pulsões.

Considerando a questão sob o ângulo dos limites, direi que temos aí um paradoxo: *não temos limites porque temos objetos, e devemos ter limites porque temos objetos*. Essas duas frases contraditórias se explicam da seguinte maneira: por termos o objeto, saímos de nossos limites para entrar em contato com ele, para restabelecer uma espécie de unidade primitiva mítica; mas precisamente porque temos objetos, devemos colocar limites em nossa possessividade, em nossa crueldade, em nosso desejo de gozar desse objeto sem consideração para com ele. Esta é a situação paradoxal que faz com que o objeto seja ao mesmo tempo o que nos faz sair de nossos limites e o que nos obriga a ter limites, se não quisermos perdê-lo.

Penso que agora ficará mais claro para vocês a razão pela qual instalei os quatro territórios e quais as relações existentes entre a pulsão e o objeto. Quando falo do objeto, falo do que acontece no real; e quanto ao real, é preciso dizer que a concepção de Freud é muito falha. A concepção de Freud do real é absolutamente insuficiente. Freud trata o real como se não houvesse senão uma realidade externa, regida pelas leis da física. Quando Freud fala do real, ele fala do mundo físico. Tem-se a impressão de que ele fala do mundo físico como fala da gravidade, da gravitação, da solidez dos objetos. . . Ora, o real, a meu ver, comporta o mundo físico e a realidade social. E a realidade social não é regida pelos mesmos mecanismos que a realidade do mundo físico. Está aí toda a ambigüidade da noção de "Lei". E não é à toa que o nome é o mesmo. A nível do soma, há leis, que são as leis da biologia. A nível do real, há leis, que são as leis do mundo físico. . . Mas há também outros tipos de leis: a lei no sentido jurídico, e não é por acaso que o nome é o mesmo. Há sempre uma espécie de coincidência e de correspondência entre a lei física e a lei jurídica, ou a lei moral. Em que sentido? No sentido de que a lei física pode ser modificada pelo progresso da ciência, sem dúvida alguma, mas ela se apresenta como mais ou menos independente da ação do observador. Não foi o homem que criou o mundo, sabemos disso, mas a lei moral, ao contrário, foi criada pelo homem. Todavia, fundando a lei moral, o homem a refunda, como se ela lhe tivesse

sido transmitida por uma divindade – é esse o sentido da subida ao Sinai e do Decálogo.

Sabemos, no entanto, que essas leis têm fundamento ético mais ou menos universal e também podem servir para manter a ordem social. . . Freud não distinguiu bem a diferença entre a realidade física e a realidade social. Vocês me perguntarão o que nós, analistas, temos a ver com tudo isso. Pois bem, temos a ver com tudo isso na medida em que na análise temos a ver com o superego, com a introjeção do superego dos pais, com a relação que o superego dos pais tem com a verdade e com a lei moral. . . E enquanto analistas, temos até mesmo de lidar com isso, do ponto de vista da realidade social. Temos de lidar diretamente com isso pelas disposições materiais que tomamos com relação aos nossos pacientes, pelos honorários que cobramos e pelo fato de que o analista, dentro de sua realidade, mostra-se como um cidadão. Quando recebo meus honorários, não os recebo enquanto psicanalista e sim enquanto cidadão. Portanto, essa concepção da realidade deve ser completamente revista. Por quê? Porque, a partir do momento em que se admite a existência da realidade social (realidade social quer dizer realidade humana), e a partir do momento em que há relação inter-humana, há, necessariamente, projeção, isto é, existe, necessariamente, o ato de despejar sobre o outro tudo aquilo que não quero em mim.

Em vista disso, é efetivamente pela existência não somente das leis da natureza, mas das leis da ética, que a relação com o objeto está submetida a limitações: limitações éticas gerais, ou limitações éticas particulares. E é isso que vai justificar a existência das três barreiras que definem os quatro territórios, pois para que efetivamente se possa estabelecer uma relação intrapsíquica e intersubjetiva que seja do tipo humano é necessário que esses espaços de elaboração funcionem, e é preciso, por conseguinte, que essas três barreiras, que são os limites, desempenhem suas funções (ver Figura 4).

Ora, quais são suas funções? São o que chamo de "trabalho do negativo": a repressão, a clivagem, a negativa, a "forclusão", que

são mecanismos de defesa primários. Todos os outros mecanismos de defesa são do tipo secundário, cuja ação serve para completar a desses mecanismos primários. De que se trata? Trata-se, em tudo isso, das diversas maneiras de dizer não.

O artigo de Freud sobre a "Negação" é, de longe, no que me diz respeito, o artigo que mais me faz refletir, em minha prática analítica e em minha elaboração teórica. Nesse artigo sobre a negação, como vocês devem lembrar, Freud diz que a negação é o substituto intelectual da repressão, e vocês conhecem o exemplo do paciente que sonha com alguma coisa e diz: "Não, não é minha mãe." Freud vai mais longe, usando uma técnica que hoje não usaríamos. . . Ele diz que quando o paciente tem dificuldade de continuar associando, basta perguntar-lhe: "O que está mais distante em seu espírito, qual a coisa mais impossível e inacreditável em que você pensaria neste momento?" Freud diz então que na grande maioria dos casos o paciente cai na armadilha (o que não é muito gentil, da parte de Freud, fazer armadilhas para seu paciente. . .) e dá a resposta esperada. Dito de outra forma: "Já que você não pode dizer o seu 'sim' mais próximo, diga-me o seu 'não' mais distante, e o seu 'não' mais distante tornar-se-á o 'sim' mais próximo que você não pode dizer. . ."

Após as brilhantes reflexões que Freud faz nesse artigo sobre o "julgamento de existência" e o "julgamento de atribuição" – e no qual faz uma revolução epistemológica ao afirmar que o "julgamento de atribuição" precede o "julgamento de existência", o que quer dizer que uma coisa é considerada boa ou má antes que tenhamos decidido se ela existe ou não, o que contraria qualquer lógica, porque mesmo que não exista na realidade ela pode existir em nossa mente –, ele tem uma frase que me levou a abismos de reflexão. . . Freud diz que se procurarmos a fonte dessa função da negação e da afirmação vamos encontrá-la na linguagem das mais antigas moções pulsionais – as pulsões orais. Mas se for assim, se Freud tiver razão, então a negação deixa de ser uma função do ego. O trabalho do negativo não é mais uma atividade defensiva que só estaria ligada ao

ego, pois já que Freud encontra a fonte da negação na pulsão de morte, isso significaria que a pulsão de morte pode assumir função de negação. Significaria também, então, que na seqüência dos mecanismos primários de defesa que Freud descobriu sucessivamente – os protótipos da repressão, mas com diferenças – todos esses mecanismos poderiam, talvez, transportar mais ou menos a marca das pulsões de morte.

No que me diz respeito, estou inteiramente convencido de que as pulsões de morte desempenham papel na negação, e até mesmo diria que penso ser esse o caso, essencialmente, na "forclusão" (a *Verwerfung*, acentuada por Lacan) e na forclusão psicossomática. O que quero dizer com isso é que o problema da pulsão de morte não é extensivo, ao contrário da pulsão, que não é, necessariamente, o conteúdo agressivo ou destrutivo: é recusar-se a levar em consideração o que a pulsão quer dizer e rejeitá-la, para excluí-la da psique.

É verdade que muitas vezes trata-se de atividade autodestrutiva ou destrutiva. Só que a questão da destrutividade é muito complicada. . . porque não é necessariamente uma destrutividade como, por exemplo, a destruição de um corpo. Sabemos que podemos destruir uma alma sem tocá-la, falando com ela, ou que se pode destruir alguém sem tocá-lo, sem lhe falar, simplesmente deixando de olhá-lo. De um dia para o outro, o objeto de amor deixa de merecer seu olhar, deixa de existir – uma mulher que você amou com paixão durante anos e que um dia deixa de existir para você. . . Pois bem, vocês também podem matar alguém assim. Portanto, não é necessariamente o conteúdo agressivo da pulsão, mas é a rejeição radical que há na forclusão que tende a excluí-la do campo psíquico, o que dá lugar ou à psicose, ou à psicossomática.

Em grau menor, o trabalho do negativo incidirá sobre a recusa. Por exemplo, a recusa da diferença dos sexos no perverso. Efetivamente, o perverso que recusa a diferença dos sexos, ou o perverso que é fetichista, ou o perverso que é exibicionista, ou o perverso

que é sadomasoquista, o que caracteriza o perverso não é o fato de entregar-se a práticas sadomasoquistas com seu objeto de amor – isso é tão freqüente na vida dos casais, mesmo que não se passe ao ato, que não vale a pena fazer disso um romance –, o importante é que o objeto não conta mais, o que conta é apenas a prática sadomasoquista. O objeto do exibicionista não tem importância – é a primeira menininha que aparece; o objeto do *voyeur* é qualquer casal. É, portanto, a desqualificação do objeto, é pois a desumanização, a dessingularização do objeto, que indica a parte mortífera da perversão. Por isso, recusar a diferença dos sexos é, de certa forma, privar o outro sexo de sua especificidade, enquanto objeto de desejo.

Quanto à negação em si, ela se estende ao conjunto do campo, da pulsão à linguagem, enquanto que as outras categorias do trabalho do negativo incidem, no caso da forclusão, sobre o próprio representante psíquico ("Eu nem ligo"), ou sobre o objeto da percepção, na recusa da diferença dos sexos, ou sobre o afeto, na repressão, ou ainda sobre a linguagem, mais especificamente na negação, mas sendo esta suscetível de abranger todo o conjunto.

Eu diria então que quanto mais perto estivermos da pulsão, mais mortífero será o trabalho do negativo e mais o "negar", na raiz do funcionamento pulsional, pode chegar até mesmo a transformações biológicas surpreendentes, como no caso da anorexia. Uma anoréxica que pode morrer de caquexia hipofisária, continuando sempre a não sentir fome. . . Isto se complica quando sabemos que também pode deixar de sentir fome quando se faz greve de fome por motivos políticos. A diferença é que, num caso, trata-se de intenção deliberada, e no outro, de algo que escapa totalmente à vontade do sujeito, que só sabe dizer "Não tenho fome". Portanto, quanto mais o trabalho do negativo se aproxima do representante psíquico da pulsão, mais a vida está em perigo. Ao contrário, quanto mais o trabalho do negativo se aproxima da repressão, mais a pulsão de vida está em ação. Pois afinal de contas a repressão é protetora do inconsciente, e eu diria que, diferentemente do id, que tanto pode ser uma força

demoníaca como uma força de vida, o inconsciente, em geral, é o elemento mais conservador da vida e o agente mais eficaz da simbolização, como resultado da função objetalizante, expressão das pulsões de vida e de amor.

É assim que compreendemos que a metapsicologia dos limites é algo que nos diz respeito tanto em nosso funcionamento analítico, com pacientes, quanto em nossa vida privada – tanto quanto na vida privada de todos os homens –, e que é graças a esses filtros, que são os limites, e graças à sua flutuação, à sua flexibilidade, que podemos nos abrir a modos de atividade e de funcionamento psíquicos muito diferentes, que podem ir do gozo sensual ao gozo estético, ao gozo intelectual e ao trabalho de elaboração do psicanalista, tanto na hora em que está em seu consultório como quando está sozinho, sentado à sua mesa de trabalho, tentando compreender o que aconteceu com ele e com esse outro, "que é seu paciente, seu semelhante, seu irmão". Obrigado.